



Manifestantes encapuçados, em frente à embaixada iraniana em Washington, protestam contra a condenação à morte do escritor Salman Rushdie, autor do livro "Versos Satânicos".

## A propósito dos «Versos Satânicos»

# «Ayatollah» dissidente afirma que Khomeiny é que devia ser condenado à morte

O ayatollah iraniano Jalal Gankhekei, membro do Conselho Nacional da Resistência, órgão de oposição ao governo de Teerão, disse em Genebra que Khomeini não é um verdadeiro muçulmano. Gankhekei, de 45 anos, que vive actualmente em Paris, disse em conferência de Imprensa ter sido torturado durante cinco anos sob o regime do xá e que estudou com Khomeini na cidade sagrada de Qom.

«Khomeini é um político que alcançou o poder utilizando o nome do Islão, mas não é um verdadeiro muçulmano, porque violou os princípios fundamentais do Islão e de cada um dos profetas», afirmou.

Comentando a ameaça de morte contra o escritor Salman Rushdie pela sua obra «Versos Satânicos», Gankhekei disse que o autor fez uso do seu direito de expressão e ninguém o pode atacar por isso.

«Quem deveria ser condenado — disse — é quem abandonou os princípios do Islão, infringindo o direito de expressão.»

Por seu turno, o ayatollah Khomeini criticou os liberais iranianos vendidos ao exterior e acrescentou que, enquanto viver, o país não cairá nas suas mãos.

### Divergências entre liberais e radicais

O líder da revolução iraniana tornou pública uma mensagem que refuta as últimas críticas surgidas no seio do sistema segundo as quais, após 10 anos de revolução, o Irão não ganhou nada e deveria agora abrir-se mais ao exterior.

EM) A polémica entre os moderados-liberais e os radicais surgiu no Irão após o fim da guerra com o Iraque, quando se pôs em evidência a necessidade de reconstruir e modificar o sistema, e reacendeu-se com a eclosão do caso Rushdie.

«Quero anunciar explicitamente àqueles que têm acesso aos órgãos de comunicação e aos que deixam que outros falem pela sua boca que enquanto eu viver não permitirei que o Estado caia nas mãos dos liberais», disse.

Khomeini acrescentou que não permitirá aos hipócritas que destruam o Islão e o seu povo, e acentuou que as possíveis sanções económicas ou outros tipos de embargo não impedirão a execução do decreto de Deus sobre o blasfemo escritor Salman Rushdie.

As divergências entre liberais e radicais da hierarquia xiita agudizaram-se após Khomeini ter condenado à morte o autor de Versos «Satânicos», Salman Rusdhie.

A mensagem de Khomeini foi remetida aos responsáveis pelas orações de sexta-feira, dia santo dos muçulmanos, e aos ulemas (doutores da lei islâmica).

Por outro lado, o presidente iraniano, Ali Khamenei, criticou a atitude dos países ocidentais no caso Rushdie, acusando alguns de defenderem illogicamente o escritor.

«Eles confundem a liberdade de expressão com a liberdade de insultar milhões de muçulmanos», disse Khamenei em conferência de Imprensa, no fim da sua visita oficial de três dias à Jugoslávia.

O presidente iraniano criticou também o papel da Imprensa, que acusou de ter «informado falsamente» e de lhe ter atribuído a afirmação de que

Salman Rushdie seria perdoado se pedisse desculpas por ter escrito os «Versos Satânicos».

Relativamente à posição assumida pelos países da CEE, sublinhou que, apesar das necessidades de reconstrução do Irão, os dirigentes nacionais não abdicarão dos seus princípios.

Khamenei iniciou entretanto uma visita oficial à Roménia, a convite do seu homólogo romeno, Nicolae Ceausescu.

### Soyinka critica Khomeiny

O escritor nigeriano Wole Soyinka, Prémio Nobel da Literatura de 1986, criticou duramente o líder iraniano, Ayatollah Khomeiny, por este pedir a morte do autor de Salman Rushdie, disse a rádio Nigéria.

Wole Soyinka qualificou Khomeiny de «criminoso, covarde e blasfemo», pela sua atitude contra a liberdade de expressão.

A declaração do escritor nigeriano reforça a de outros intelectuais e instituições de países ocidentais que já condenaram a atitude do líder iraniano.

Em Nova Iorque uma das maiores livrarias decidiu voltar a pôr à venda o livro de Rushdie, depois de manifestantes terem condenado a ameaça de morte feita por Khomeiny contra o escritor e criticado a suspensão das vendas do livro.

Uma nota da cadeia B. Dalton e da sua subsidiária, Barnes Noble, refere que o livro vai ser de novo posto à venda por causa das «pressões da esmagadora maioria dos seus gerentes e empregados».

O anúncio surge após um dia de protesto, que incluiu uma manifestação e a leitura em público de partes do livro.

### Comentário de Rushdie

Entretanto, o escritor Salman Rushdie, considerou que o mundo islâmico tem «o direito de discutir a sua própria natureza e origens sem que qualquer assunto seja tabu».

Numa entrevista publicada hoje pelo semanário de Hong Kong «Far Eastern Economic Review», o romancista britânico de origem indiana declara que «o mundo islâmico ortodoxo está de algum modo atrasado em relação às atitudes das outras grandes religiões mundiais».

Rushdie afirma que a reacção de intolerância desencadeada nos países islâmicos contra a sua pessoa tem a ver «com a própria ideia de que uma obra de literatura possa tratar assuntos como a natureza da profecia e o nascimento de uma religião».

Considerando que «o verdadeiro feto da literatura não consiste em distorcer factos, mas sim em explorar a natureza humana e as ideias em que assenta a raça humana», Rushdie declara que um escritor tem o dever de «discutir a natureza central da cultura e civilização em que vive».